

***Sobre a Morte dos Perseguidores, de Lactâncio – Capítulos I a XIII:
tradução e notas***

Diogo Pereira da Silva
Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)
profdiogo.psilva@gmail.com

RESUMO: Apresentamos uma nova tradução com notas indicativas para o português brasileiro dos capítulos I a XIII da obra conhecida como *Sobre a Morte dos Perseguidores (De mortibus persecutorum)*, escrita pelo autor cristão norte-africano Lúcio Cecílio Firmiano Lactâncio, no início do século IV. Nesta primeira parte da obra, Lactâncio relata as perseguições sofridas pelos cristãos desde o imperador Nero até a publicação do primeiro Edito de Diocleciano, que iniciou a Grande Perseguição (303-311). Para este trabalho, nos baseamos no texto latino estabelecido por Jacques Moreau para a tradução em língua francesa editada para as *Sources Chrétiennes* (1954) cotejado com o texto do *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum* (1897), editado por Samuel Brandt e Georg Laubmann.

Palavras-chave: Lactâncio; *Sobre a morte dos perseguidores*; Antiguidade Tardia; Cristianismo; Paganismo.

Translation with notes of chapters I to XIII of *Of the Manner in Which the Persecutors Died*

ABSTRACT: This is a new Brazilian Portuguese translation with notes of chapters I to XIII of *Of the Manner in Which the Persecutors Died (De mortibus persecutorum)*, written by the North African Christian author Lucius Caecilius Firmianus Lactantius at the beginning of the 4th century. In the first part of this work, Lactantius reports the persecutions that Christians communities suffered, since Emperor Nero's reign until the publication of the first Edict of Diocletian, which initiated the Great Persecution (303-311). To translate the selected chapters, we followed the Latin text established by Jacques Moreau for the French translation, edited for the *Sources Chrétiennes* (1954), and compared it with the text from the *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum* (1897) edited by Samuel Brandt and Georg Laubmann

Keywords: Lactantius; *Of the Manner in Which the Persecutors Died*; Late Antiquity; Cristianism; Paganism.

1. Lactânncio: breve notícia biográfica

A informação biográfica principal sobre Lactânncio foi recolhida por Jerônimo (c. 340-420), em seu *De uiris illustribus*, um trabalho apologético que buscava fazer remissão à vida de 135 cristãos ilustres, desde Pedro até sua época. A octogésima biografia é a de “Firmiano, chamado também Lactânncio”.¹

Em *De Viris Illustribus*, Lactânncio foi reconhecido como discípulo de Arnóbio, que foi professor de retórica na cidade de *Sicca Venerea*, na África Proconsular. Assim, a crítica infere que Lactânncio era natural do Norte da África, tendo desenvolvido seus estudos em cidade próxima ao seu local de nascimento. Em favor desta hipótese, temos uma inscrição da cidade de Cirta, na Numídia, na qual se menciona um *L(ucius) Caecilius Firmianus*,² personagem que possivelmente pertencia à mesma família de Lactânncio.

No que tange à data de seu nascimento, considera-se o arco temporal da década de 250, uma vez que Jerônimo informa que, em avançada velhice, Lactânncio tornou-se tutor de Crispo, filho do imperador Constantino. A partir desse relato e levando em conta que a elevação de Crispo à dignidade de César ocorreu no ano de 317, quando ele tinha 12 anos, é provável que, também nessa data, Lactânncio tenha se tornado o seu preceptor na Gália.

Durante sua carreira de professor de retórica, Lactânncio teria ido para a cidade de Nicomédia com um colega chamado Flávio, na época em que Diocleciano era imperador, entre os anos 284 e 305. Quanto à sua morte, igualmente, não temos notícia biográfica, podendo-se conjecturar que tenha ocorrido pouco após o Concílio de Niceia (325) ou a execução de Crispo em 326.

Assim, nosso autor teria nascido na década de 250, na África Proconsular, possivelmente oriundo de uma família da ordem dos decuriões, a qual pôde pagar pela educação erudita, envolvendo os autores clássicos latinos que Lactânncio demonstra conhecer em seus escritos. Este apologista teria passado o final de sua vida junto à corte imperial, seja em Nicomédia, seja na Gália, partilhando de informações e de testemunhos dos fatos ocorridos durante a Grande Perseguição (303-311).

2. A obra *Sobre a morte dos perseguidores*

No ano de 1679, Étienne Baluze (1630-1718), bibliotecário chefe de Jean-Baptiste Colbert (1619-1683), publicou a *editio princeps* de um manuscrito que havia sido recolhido do Mosteiro Beneditino de Saint Pierre de Moissac, o *Codex Colbertinus* BN 2627, no qual continha a seguinte indicação de autoria e título:

¹ Jer. *De uir. Ill.* LXXX.

² *CIL* VIII, 7241.

Lucci Caecilii liber ad Donatum confessorem de mortibus persecutorum (MOUREAU, 1954: 22).

A obra tratava do destino dos imperadores que perseguiram as comunidades cristãs, em especial daqueles que governaram durante a Grande Perseguição (303-311): Diocleciano (284-305), Maximiano (285-305; 306-308), Galério (293-311), Severo (305-306), Maximino Daia (305-313). Além desses, o autor incluiu outros imperadores dos séculos I ao III: Nero (54-68), Domiciano (81-96), Décio (249-251), Valeriano (253-260) e Aureliano (270-275).

A partir da notícia biográfica de Jerônimo, Étienne Baluze considerou que *Lucius Caecilius* era *Firmianus Lactantius*, e que a obra *De mortibus persecutorum* era o *De persecutione librum unum* mencionado em *De Viris Illustribus*. Igualmente, a dedicatória a Donato aparece tanto neste manuscrito quanto na obra *Sobre a Ira de Deus*,³ já reconhecida à época como escrita por Lactânncio.

Sobre a morte dos perseguidores possui grande relevância para as análises históricas a respeito da época de Diocleciano, da Tetrarquia e o contexto da ascensão de Constantino ao poder, relatando acontecimentos da Grande Perseguição aos cristãos. Para fins desta tradução em Língua Portuguesa, foi utilizado o texto latino estabelecido por Jacques Moureau (1954) para a edição bilíngue francesa que compõe a coleção *Sources Chrésiennes*, o qual foi cotejado com o texto do *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*, editado por Samuel Brandt e Georg Laubmann (1897).

Não obstante a quantidade de textos legados por Lactânncio, com obras teológicas, apologéticas e de cunho histórico, poucos são os pesquisadores que se dedicaram a realizar traduções em Língua Portuguesa. Neste campo, destacamos as recentes publicações do projeto de tradução da obra *De ira Dei* que está sendo desenvolvido por Cristóvão Santos Júnior (2020a; 2020b; 2020c; 2020d); e da tradução do poema *De Aue Phoenice*, atribuído a Lactânncio, realizada por Daniel Carrara e Everton Natividade (2006).

Ademais, no âmbito de pesquisas acadêmicas, destacamos a dissertação de Paulo Roberto Tigges Júnior (2007) e artigos publicados por Diogo Silva (2011), Douglas Gobato e Renata Biazotto Venturini (2013a; 2013b) e Luis Fernando Pessoa Alexandre (2015) que realizaram análises historiográficas relativas a Lactânncio e ao período da Tetrarquia.

No que tange ao presente trabalho, trata-se da segunda tradução em português do Brasil da obra *Sobre a morte dos perseguidores*, sendo a primeira realizada pelo filólogo José Pereira da Silva, que foi publicada na revista *Philologus*, no ano de 1997; e republicada no livro *Letras e Religião*, no ano de 2006 (SILVA, 1997; LACTÂNCIO, 2006).

³ *Lactant. De mort. persec.* I, 1; XXII,1; *Lactant. De ira Dei.* I, 1.

À diferença da tradução de José Pereira da Silva, realizamos uma tradução com notas que referenciam outros documentos escritos da Antiguidade com o objetivo de auxiliar futuras pesquisas sobre o autor e sobre o período.

Considerando a taxonomia de estratégias de tradução de Andrew Chesterman (1997: 92-93), insta destacar que optamos por traduzir o texto de forma a apresentar uma versão que sintaticamente e semanticamente se aproximasse do original latino, embora, em alguns casos, houvesse a mudança estrutural da frase ou a mudança estrutural do período. Tais alterações buscaram dar maior fluidez à leitura no português brasileiro atual.

Por fim, apresentamos a tradução dos capítulos I a XIII da obra *Sobre a morte dos perseguidores*, que recobre a dedicatória a Donato – um cristão perseguido e discípulo de Lactânio (Capítulo I) –; as perseguições de Nero, Domiciano, Décio, Valeriano e Aureliano (Capítulos II a VI); os esboços biográficos de Diocleciano, Maximiano Hérculeo e Galério (Capítulos VII, VIII e IX) e o início da Grande Perseguição, com a insistência de Galério e a publicação do primeiro edito de perseguição no ano 303 (Capítulos X a XIII).

3. Texto latino

170

[I.1] *Audiuit dominus orationes tuas, Donate carissime, quas in conspectu eius per omnes horas <cotidie fundebas, ceterorumque> fratrum nostrorum, qui gloriosa confessione sempiternam sibi coronam pro fidei meritis quaesierunt.*

[I.2] *Ecce, deletis omnibus aduersariis, restituta per orbem tranquillitate, profligata nuper ecclesia rursus exurgit et maiore gloria templum dei, quod ab impiis fuerat euersum, misericordia domini fabricatur.*

[I.3] *Excitauit enim deus principes qui tyranorum nefaria et cruenta imperia resciderunt <et> humano generi prouiderunt, ut iam quasi discusso tristissimi temporis nubilo mentes omnium pax iucunda et serena laetificet.*

[I.4] *Nunc post atrae tempestatis uiolentos turbines placidus aer et optata lux refulsit. Nunc placatus seruorum suorum <precibus> deus iacentes et afflictos caelesti auxilio subleuauit, nunc maerentium lacrimas extincta impiorum conspiratione deterisit.*

[I.5] *Qui insultauerant deo, iacent, qui templum sanctum euerterant, ruina maiore ceciderunt, qui iustos excarnificauerunt, caelestibus plagis et cruciatibus meritis nocentes animas profuderunt.*

[I.6] *Sero id quidem, sed grauius ac digne.*

[I.7] *Distulerat enim poenas eorum deus, ut ederet in eos magna et mirabilia exempla, quibus posteri discerent et deum esse unum et eundem iudicem dignum <elicit> supplicia impiis ac persecutoribus inrogare.*

[I.8] *De quo exitu <eorum tes>tificari placuit, ut omnes qui procul remoti fuerunt uel qui p<ostea fu>turi sunt, scirent quatenus uirtutem ac maiestatem suam in ex<tinguen>dis delendisque nominis sui hostibus deus summus ostenderit.*

[I.9] *Abreta<men non> est, si a principio, ex quo est ecclesia constituta, qui fuerint persecutores <eius> et quibus poenis in eos caelestis iudicis seueritas uindicauerit, expo nam.*

[II.1] *Extremis temporibus Tiberii Caesaris, ut scriptum legimus, dominus noster Iesus Christus a Iudaeis cruciatus est post diem decimum Kalendas Apriles duobus Geminis consulibus.*

[II.2] *Cum resurrexisset die tertio, congregauit discipulos, quos metus comprehensionis eius in fugam uerterat, et diebus XL cum his commoratus aperuit corda eorum et scripturas interpretatus est, quae usque ad id tempus obscurae atque inuolutae fuerunt, ordinauitque eos et instruxit ad praedicationem dogmatis ac doctrinae suae disponens testamenti noui sollemnem disciplinam.*

[II.3] *Quo officio repleto circumuoluit eum procella nubis et subtractum oculis hominum rapuit in caelum.*

[II.4] *Et inde discipuli, qui tunc erant undecim, adsumptis in locum Iudae proditoris Mathia <et> Paulo dispersi sunt per omnem terram ad euangelium praedicandum, sicut illis magister dominus imperauerat. Et per annos XXV usque ad principium Neroniani imperii per omnes prouincias et ciuitates ecclesiae fundamenta miserunt.*

[II.5] *Cumque iam Nero imperaret, Petrus Romam aduenit et editis quibusdam miraculis, quae uirtute ipsius dei data sibi ab eo potestate faciebat, conuertit multos ad iustitiam deoque templum fidele ac stabile collocauit.*

[II.6] *Qua re ad Neronem delata cum animaduerneret non modo Romae, sed ubique cotidie magnam multitudinem deficere a cultu idolorum et ad religionem nouam damnata uetusta transire, ut erat execrabilis ac nocens tyrannus, prosiliuit ad excidendum caeleste templum delendamque iustitiam et primus omnium persecutus dei seruos Petrum cruci adfixit, Paulum interfecit.*

[II.7] *Nec tamen habuit impune. Respexit enim deus uexationem populi sui. Deiectus itaque fastigio imperii ac deuolutus a summo tyrannus impotens nusquam repente comparuit, ut ne sepulturae quidem locus in terra tam malae bestiae appareret.*

[II.8] *Unde illum quidam deliri credunt esse translatum ac uiuum reseruatum, Sibylla dicente matricidam profugum a finibus <terrae> esse uenturum, ut quia primus persecutus est, idem etiam nouissimus persequatur et antichristi praecedat aduentum,*

[II.9] *<quod ne>fas est crede re; sicut duos prophetas uiuos esse translatos in ultima <tempora> ante imperium Christi sanctum ac sempiternum, cum descendere coeperit, <quidam sanctor>um pronuntiant, eodem modo etiam Neronem uenturum putant, <ut praecu>rsor diaboli ac praeuius sit uenientis ad uastationem terrae et huma<ni ge>neris euersionem.*

[III.1] *Post hunc interiectis aliquot annis alter non minor tyrannus <Domitianus> ortus est. Qui cum exerceret inuisam dominationem, subiectorum tamen ceruicibus incubauit quam diutissime tutusque regnauit, donec impias manus aduersus dominum tenderet.*

[III.2] *Postquam uero ad persequendum iustum populum instictu daemonum incitatus est, tunc traditus in manus inimicorum luit poenas. Nec satis ad ultionem fuit quod est interfectus domi; etiam memoria nominis eius erasa est.*

[III.3] *Nam cum multa mirabilia opera fabricasset, cum Capitolium aliaque nobilia monumenta fecisset, senatus ita nomen eius persecutus est, ut neque titulorum eius relinquerentur ulla uestigia, grauissime decretis etiam mortuo notam inureret ad ignominiam sempiternam.*

[III.4] *Rescissis igitur actis tyranni non modo in statum pristinum ecclesia restituta est, sed etiam multo clarius ac floridius enituit, secutisque temporibus, quibus multi ac boni principes Romani imperii clauum regimenque tenuerunt, nullos inimicorum impetus passa manus suas in orientem occidentemque porrexit,*

[III.5] *ut iam nullus esset terrarum angulus tam remotus quo non religio dei penetrasset, nulla denique [dei] natio tam feris moribus uiuens, ut non suscepto dei cultu ad iustitiae opera mitesceret. Sed enim postea longa pax rupta est.*

[IV.1] *Extitit enim post annos plurimos execrabile animal Decius, qui uexaret ecclesiam; quis enim iustitiam nisi malus persequatur?*

[IV.2] *Et quasi huius rei gratia prouectus esset ad illud principale fastigium, fuere protinus contra deum coepit, ut protinus caderet.*

[IV.3] *Nam profectus aduersum Carpos, qui tum Daciam Moesiamque occupauerant, statimque circumuentus a barbaris et cum magna exercitus parte delectus ne sepultura quidem potuit honorari, sed exutus ac nudus, ut hostem dei oportebat, pabulum feris ac uolucris iacuit.*

[V.1] *Non multo post Valerianus quoque non dissimili furore correptus impias manus in deum intenta uit et multum quamuis breui tempore iusti sanguinis fudit. At illum deus nouo ac singulari poenae genere adfecit, ut esset posteris documentum aduersarios dei semper dignam scelere suo recipere mercedem.*

[V.2] *Hic captus a Persis non modo imperium, quo fuerat insolenter usus, sed etiam libertatem, quam ceteris ademerat, perdidit uixitque in seruitute turpissime.*

[V.3] *Nam rex Persarum Sapor, is qui eum ceperat, si quando liberauit aut uehiculum ascendere aut equum, inclinare sibi Romanum iubebat ac terga praeberet et imposito pede super dorsum eius illud esse uerum dicebat exprobrans ei cum risu, non quod in tabulis aut parietibus Romani pingerent.*

[V.4] *Ita ille dignissime triumphatus aliquamdiu uixit, ut diu barbaris Romanum nomen ludibrio ac derisui esset.*

[V.5] *Etiam hoc ei accessit ad poenam, quod cum filium haberet imperatorem, captiuitatis suae tamen ac seruitutis extremae non inuenit ultorem nec omnino repetitus est.*

[V.6] *Postea uero quam pudendam uitam in illo dedecore finiuit, derepta est ei cutis et exuta uisceribus pellis infecta rubro colore, ut in templo barbarorum deorum ad memoriam clarissimi triumpho poneretur legatisque nostris semper esset ostentui, ne*

nimum Romani uiribus suis fiderent, cum exuuias capti principis apud deos suos cernerent.

[V.7] *Cum igitur tales poenas de sacrilegis deus exegerit, nonne mirabile est ausum esse quemquam postea non modo facere, sed etiam cogitare aduersus maiestatem singularis dei regentis et continentis uniuersa?*

[VI.1] *Aurelianus, qui esset natura uesanus et praeceps, quamuis captiuitatem Valeriani meminisset, tamen oblitus sceleris eius et poenae iram dei crudelibus factis laccessiuit. Verum illi ne perficere quidem quae cogitauerat licuit, sed protinus inter initia sui furoris extintus est.*

[VI.2] *Nondum ad prouincias ulteriores cruenta eius scripta peruenerant, et iam Caenofrurio, qui locus est Thraciae, cruentus ipse humi iacebat falsa quadam suspicione ab amicis suis interemptus.*

[VI.3] *Talibus et tot exemplis coerceri posteriores tyrannos oportebat: at hi non modo territi non sunt sed audacius etiam contra deum confidentiusque fecerunt.*

[VII.1] *Diocletianus, qui scelerum inuentor et malorum machinator fuit, cum disperderet omnia, ne a deo quidem manus potuit abstinere.*

[VII.2] *Hic orbem terrae simul et auaritia et timiditate subuertit. Tres enim participes regni sui fecit in quattuor partes orbe diuiso et multiplicatis exercitibus, cum singuli eorum longe maiorem numerum militum habere contenderent, quam priores principes habuerant, cum soli rem publicam gererent.*

[VII.3] *Adeo maior esse coeperat numerus accipientium quam dantium, ut enormitate indictionum consumptis uiribus colonorum desererentur agri et culturae uerterentur in siluam.*

[VII.4] *Et ut omnia terrore complerentur, prouinciae quoque in frusta concisae; multi praesides et plura officia singulis regionibus ac paene iam ciuitatibus incubare, item rationales multi et magistri et uicarii praefectorum, quibus omnibus ciuiles actus admodum rari, sed condemnationes tantum et proscriptiones frequentes, exactiones rerum innumerabilium non dicam crebrae, sed perpetuae, et in exactionibus iniuriae non ferendae.*

[VII.5] *Haec quoque tole rari <non> possunt quae ad exhibendos milites spectant. Idem insatiabili auaritia thesauros num quam minui uolebat, sed semper extraordinarias opes ac largitiones congerebat, ut ea quae recondebat integra atque inuiolata seruaret.*

[VII.6] *Idem cum uariis iniquitatibus immensam faceret caritatem, legem pretiis rerum uenaliu[m] statuere conatus est;*

[VII.7] *tunc ob exigua et uilia multus sanguis effusus, nec uenale quicquam metu apparebat et caritas multo deterius exarsit, donec lex necessitate ipsa post multorum exitium solueretur.*

[VII.8] *Huc accedebat infinita quaedam cupiditas aedificandi, non minor prouinciarum exactio in exhibendis operariis et artificibus et plaustris, omnia quaecumque sint fabricandis operibus necessaria.*

[VII.9] *Hic basilicae, hic circus, hic moneta, hic armorum fabrica, hic uxori domus, hic filiae. Repente magna pars ciuitatis exciditur. Migrabant omnes cum coniugibus ac liberis quasi urbe ab hostibus capta.*

[VII.10] *Et cum perfecta haec fuerant cum interitu prouinciarum, "non recte facta sunt", aiebat, "alio modo fiant." Rursus dirui ac mutari necesse erat iterum fortasse casura. Ita semper dementabat Nicomediam studens urbi Romae coaequare.*

[VII.11] *Iam illud praetereo, quam multi perierint possessionum aut opum gratia. Hoc enim usitatum et fere licitum consuetudine malorum.*

[VII.12] *Sed in hoc illud fuit praecipuum, quod ubicumque cultiorem agrum uiderat aut ornatius aedificium, iam parata domino calumnia et poena capitalis, quasi non posset rapere aliena sine sanguine.*

[VIII.1] *Quid frater eius Maximianus, qui est dictus Hercules? Non dissimilis ab eo: nec enim possent in amicitiam tam fidelem cohaerere, nisi esset in utroque mens una, eadem cogitatio, par uoluntas, aequa sententia.*

[VIII.2] *Hoc solum differebant, quod auaritia maior in altero fuit, sed plus timiditatis, in altero uero minor auaritia, sed plus animi, non ad bene faciendum sed ad male.*

[VIII.3] *Nam cum ipsam imperii sedem teneret Italiam subiacerentque opulentissimae prouinciae, uel Africa uel Hispania, non erat in custodiendis opibus tam diligens, quarum illi copia suppetebat.*

[VIII.4] *Et cum opus esset, non deerant locupletissimi senatores qui subornatis indiciis affectasse imperium dicerentur, ita ut effoderentur assidue lumina senatus. Cruentissimus fiscus male partis opibus affluebant.*

[VIII.5] *Iam libido in homine pestifero non modo ad corrumpendos mares, quod est odiosum ac detestabile, uerum etiam ad uiolandas primorum filias. Nam quacumque iter fecerat, auulsae a complexu parentum uirgines statim praesto.*

[VIII.6] *His rebus beatum se iudicabat, his constare felicitatem imperii sui putabat, si libidini et cupiditati malae nihil denegaret.*

[VIII.7] *Constantium praetereo, quoniam dissimilis ceterorum fuit dignusque qui solus orbem teneret.*

[IX.1] *Alter uero Maximianus, quem sibi generum Diocletianus ascuerat, non his duobus tantum quos tempora nostra senserunt sed omnibus qui fuerunt malis peior.*

[IX.2] *Inerat huic bestiae naturalis barbaries, effertitas a Romano sanguine aliena: non mirum, cum mater eius Transdanuuiana infestantibus Carpis in Daciam nouam transiecto amne confugerat.*

[IX.3] *Erat etiam corpus mori bus congruens, status celsus, caro ingens et in horrendam magnitudinem diffusa et inflata.*

[IX.4] *Denique et uerbis et actibus et aspectu terrori omnibus ac formidini fuit. Socer quoque eum metuebat acerrime, cuius timoris haec fuit causa:*

[IX.5] *Narseus rex Persarum concitatus domesticis exemplis aui sui Saporis ad occupandum Orientem cum magnis copiis inhiabat.*

[IX.6] *Tunc Diocletianus, ut erat in omni tumultu meticulosus animique deiectus, simul et exemplum Valeriani timens, non ausus est obuiam tendere, sed hunc per Armeniam misit ipse in Oriente subsistens et aucupans exitus rerum.*

[IX.7] *Ille insidiis usus barbaros, quibus mos est cum omnibus suis ad bellum pergere, multitudine impeditos et sarcinis occupatos non difficiliter oppressit fugatoque Narseo rege reuersus cum praeda et manubiis ingenitibus sibi attulit superbiam, Diocletiano timorem.*

[IX.8] *In tantos namque fastus post hanc uictoriam eleuatus est, ut iam detrectaret Caesaris nomen. Quod cum in litteris ad se datis audisset, truci uultu ac uoce terribili exclamabat "Quo usque Caesar?"*

[IX.9] *Exinde insolentissime agere coepit, ut ex Marte se procreatum et uideri et dici uellet tamquam alterum Romulum maluitque Romulam matrem stupro infamare, ut ipse diis oriundus uideretur.*

[IX.10] *Sed differo de factis eius dicere, ne confundam tempora. Postea enim quam nomen imperatoris accepit exuto socero, tum demum furere coepit et contemnere omnia.*

[IX.11] *Diocles -- <sic> enim ante imperium uocabatur -- cum rem publicam talibus consiliis et talibus sociis euerteret, cum pro sceleribus suis nihil non mereretur, tamdiu tamen summa felicitate regnauit, quamdiu manus suas iustorum sanguine non inquinaret.*

[IX.12] *Quam uero causam persequendi habuerit exponam.*

[X.1] *Cum ageret in partibus Orientis, ut erat pro timore scrutator rerum futurarum, immolabat pecudes et in iecoribus earum uentura quaerebat.*

[X.2] *Tum quidem ministrorum scientes dominum cum adsisterent immolanti, imposuerunt frontibus suis immortale signum; quo facto fugatis daemonibus sacra turbata sunt. Trepidabant aruspices nec solitas in extis notas uidebant et, quasi non litassent, saepius immolabant.*

[X.3] *Verum identidem mactatae hostiae nihil ostendebant, donec magister ille aruspicum Tagis seu suspicione seu uisu ait idcirco non respondere sacra, quod rebus diuinis profani homines interessent.*

[X.4] *Tunc ira furens sacrificare non eos tantum qui sacris ministrabant, sed uniuersos qui erant in palatio iussit et in eos, si detrectassent, uerberibus animaduerti, datisque ad praepositos litteris, etiam milites cogi ad nefanda sacrificia praecepit, ut qui non paruissent, militia soluerentur.*

[X.5] *Hactenus furor eius et ira processit nec amplius quicquam contra legem aut religionem dei fecit.*

[X.6] *Deinde interiecto aliquanto tempore in Bithyniam uenit hiematum eodemque tum Maximianus quoque Caesar inflammatus scelere aduenit, ut ad persequendos Christianos instigaret senem uanum, qui iam principium fecerat. Cuius furoris hanc causam fuisse cognoui.*

[XI.1] *Erat mater eius deorum montium cultrix, quae cum esset <mulier admodum superstitiosa>, dapibus sacrificabat paene cotidie ac uicanis suis epulas*

exhibebat. Christiani abstinebant, et illa cum gentibus epulante ieiuniis hi et orationibus insistebant.

[XI.2] *Hinc concepit odium aduersus eos ac filium suum non minus superstitiosum querelis muliebribus ad tollendos homines incitauit.*

[XI.3] *Ergo habito inter se per totam hiemem consilio cum nemo admitteretur et omnes de summo statu rei publicae tractari arbitrarentur, diu senex furori eius repugnauit ostendens quam perniciosum esset inquietari orbem terrae, fundi sanguinem multorum; illos libenter mori solere; satis esse si palatinos tantum ac milites ab ea religione prohiberet.*

[XI.4] *Nec tamen deflectere potuit praecipitis hominis insaniam. Placuit ergo amicorum sententiam experiri.*

[XI.5] *Nam erat huius malitiae: cum bonum quid facere decreuisset, sine consilio faciebat, ut ipse laudaretur, cum autem malum, quoniam id reprehendum sciebat, in consilium multos aduocabat, ut aliorum culpa adscriberetur quicquid ipse deliquerat.*

[XI.6] *Admissi ergo iudices pauci et pauci militares, ut dignitate antecede bant, interrogabantur. Quidam proprio aduersus Christianos odio inimicos deorum et hostes religionum publicarum tollendos esse censuerunt, et qui aliter sentiebant, intellecta hominis uoluntate uel timentes uel gratificari uolentes in eandem sententiam congruerunt.*

[XI.7] *Nec sic quidem flexus est imperator, ut accomodaret assensum, sed deos potissimum consulere statuit misitque aruspice ad Apollinem Milesium. Respondit ille ut diuinae religionis inimicus.*

[XI.8] *Traductus est itaque a proposito, et quoniam nec amicis nec Caesari nec Apollini poterat reluctari, hanc moderationem tenere conatus est, ut eam rem sine sanguine transigi iuberet, cum Caesar uiuos cremari uellet qui sacrificio repugnassent.*

[XII.1] *Inquiritur peragenda rei dies aptus et felix ac potissimum Terminalia deliguntur, quae sunt a.d. septimum Kalendas Martias, ut quasi terminus imponeretur huic religioni. Ille dies primus leti primusque malorum causa fuit, quae et ipsis et orbi terrarum acciderunt.*

[XII.2] *Qui dies cum illuxisset agentibus consulatum senibus ambobus octauum et septimum, repente adhuc dubia luce ad ecclesiam praefectus cum ducibus et tribunis et rationalibus uenit et reuulsis foribus simulacrum dei quaeritur, scripturae repertae incenduntur, datur omnibus praeda, rapitur, trepidatur, discurritur.*

[XII.3] *Ipsi uero in speculis--in alto enim constituta ecclesia ex palatio uidebatur--diu inter se concertabant, utrum ignem potius supponi oporteret.*

[XII.4] *Vicit sententia Diocletianus cauens, ne magno incendio facto pars aliqua uiuitatis arderet. Nam multae ac magnae domus ab omni parte cingebant.*

[XII.5] *Veniebant igitur praetoriani acie structa cum securibus et aliis ferramentis et immissi undique fanum illud editissimum paucis horis solo adaequarunt.*

[XIII.1] *Postridie prosopositum est edictum quo cauebatur, ut religionis illius homines carerent omni honore ac dignitate, tormentis subiecti essent, ex quocumque*

ordine aut gradu uenirent, aduersus eos omnis actio ualeret, ipsi non de iniuria, non de adulterio, non de rebus ablati agere possent, libertatem denique ac uocem non haberent.

[XIII.2] *Quod edictum quidam etsi non recte, magno tamen animo deripuit et conscidit, cum irridens diceret uictorias Gothorum et Sarmatarum propositas.*

[XIII.3] *Statimque perductus non modo extortus, sed etiam legitime coctus cum admirabili patientia postremo exustus est.*

4. Tradução

[I.1] Ouviu o Senhor as tuas orações, ó Donato caríssimo,⁴ que todos os dias e todas as horas elevavas à sua presença e à de nossos demais irmãos,⁵ os quais com seus gloriosos testemunhos alcançaram para si a coroa eterna como recompensa pelos méritos contraídos por sua fé.

[I.2] Eis que, uma vez aniquilados todos os seus inimigos e restabelecida a tranquilidade no mundo, a Igreja⁶ até há pouco desprezada, ressurgente novamente. O templo de Deus, que havia sido destruído pelos ímpios, é reconstruído com mais glória, graças à misericórdia do Senhor.

[I.3] Com efeito, Deus promoveu os príncipes⁷ que puseram fim aos impérios nefastos e sangrentos dos tiranos e proveu ao gênero humano de tal forma que, tendo a nuvem da mais sombria época como que se desfeito, uma paz agradável e serena alegre as mentes de todos.

[I.4] Agora, depois dos violentos redemoinhos da sombria tempestade, o ar está em calma e brilha a luz desejada. Agora, aplacado pelas preces de seus servos, Deus ergueu os que jaziam aflitos com a sua ajuda celeste. Agora, desbaratada a conspiração dos ímpios, enxugou as lágrimas dos que sofriam.

[I.5] Aqueles que se ergueram contra Deus sucumbiram; os que haviam destruído o templo santo caíram com uma ruína maior; os que haviam escarnificado os justos entregaram suas almas criminosas entre os castigos celestes e os tormentos de que se tornaram credores.

[I.6] Tardamente, em verdade, mas com gravidade e de acordo com seus méritos.

⁴ Donato, que conhecemos pelas obras de Lactânncio, é seguramente o mesmo a quem o autor cristão dedicou a obra *Sobre a Ira de Deus*. Donato foi submetido a nove sessões de tortura durante a perseguição de Diocleciano (cf. *Lactant. De mort. persec.* XVI) e passou seis anos na prisão até ser libertado após a promulgação do Edito de Galério, no ano 311 (cf. *Lactant. De mort. persec.* XXXV; LII, 1-5).

⁵ O uso cristão do termo *frater* (“irmão”) se deve a uma prática judaica que se introduziu já no Novo Testamento (MOUREAU, 1954: 188).

⁶ Lactânncio expressa com o termo *ecclesia* o conjunto dos cristãos. No Edito de Galério (cf. *Lactant. De mort. persec.* XLVIII, 9), *ecclesia* aparece empregado com o sentido de “comunidade” (MOUREAU, 1954, p. 189).

⁷ Constantino (306-337) e Licínio (308-324).

[I.7] Deus atrasou a punição deles para mostrar neles grandes e maravilhosos exemplos para que a posteridade aprendesse que Deus é único e que Ele é o juiz que impõe aos ímpios, e a seus perseguidores, suplícios dignos de um vingador.

[I.8] De tal fim, que me pareceu bem deixar testemunho,⁸ para que todos, tanto aqueles que não foram testemunhas dos acontecimentos, como os que nos sucederão, saibam de que modo o Deus Supremo mostrou seu poder e majestade na extinção e aniquilamento dos inimigos de seu nome.

[I.9] Não obstante, não acredito me afastar do tema se exponho primeiramente quais foram os perseguidores que existiram desde o princípio, isto é, desde que se constituiu a Igreja e com que punições se vingou deles severamente o juiz celeste.

[II.1] Nos últimos tempos de Tibério César,⁹ segundo podemos ler, nosso Senhor Jesus Cristo foi crucificado pelos judeus, no décimo dias antes das calendas de abril durante o consulado dos dois Gêmeos.¹⁰

[II.2] Após haver ressuscitado no terceiro dia, reuniu os discípulos, os quais o temor de sua captura havia posto em fuga. Depois de permanecer com eles quarenta dias, abriu suas mentes e lhes interpretou as Escrituras que, até então, haviam permanecido obscuras e impenetráveis. Confiou-lhes sua missão e instruiu-os para a pregação de seu dogma e de sua doutrina, estabelecendo a disciplina solene do Novo Testamento.

[II.3] Uma vez cumprida esta tarefa, uma nuvem o envolveu e, arrebatando-o sob os olhos dos homens, levou-o ao céu.¹¹

[II.4] A partir deste momento, os discípulos, que então eram onze, depois de incluir Matias, no lugar do traidor Judas, e Paulo,¹² dispersaram-se por toda a terra para pregar o Evangelho, tal como o Senhor, seu mestre, os havia ordenado. Por vinte e cinco anos, até o princípio do império de Nero, puseram os fundamentos da Igreja por todas as províncias e cidades.

[II.5] Quando Nero era então imperador, Pedro chegou a Roma, depois de realizar alguns milagres, que ele fazia em virtude do poder que o próprio Deus

⁸ Cf. Euseb. *Hist. Eccl.* VII 32, 32.

⁹ A expressão não está totalmente correta: Tibério reinou entre os anos 14 e 37, e a morte de Cristo, segundo Lactâncio, teria sido no ano 29.

¹⁰ Tratam-se dos cônsules do ano 29, Rubélio e Fúfio, que possuíam o cognome *Geminus* (*Tac. Ann.* V, 1). A tradição que considera a morte de Cristo no ano do consulado dos Gêmeos é de origem latina, encontrando-se, pela primeira vez, em Tertuliano (*Tert. Adu. Iud.* 8), que possivelmente serviu de fonte para Lactâncio.

¹¹ Lc 24,51; Mc 16, 19; Jo 6,62; At 1,9.

¹² At 1, 22; 26.

lhe havia conferido. Converteu muitos à justiça,¹³ ergueu um templo indestrutível e fiel a Deus.

[II.6] Isto chegou ao conhecimento de Nero, que ao constatar que não só em Roma, mas em todas as partes, uma grande multidão, diariamente, apartava-se do culto dos deuses e, depois de condenar a antiga, passava à nova religião, dada sua condição de tirano execrável e nocivo, lançou-se à destruição do templo celeste e ao aniquilamento da justiça, convertendo-se, assim, no primeiro perseguidor dos servos de Deus, crucificou Pedro, e decapitou Paulo.

[II.7] No entanto, não ficou impune. Pois a humilhação de seu povo não passou despercebida a Deus. Com efeito, derrubado do pedestal e do império, este tirano desenfreado desapareceu tão repentinamente que nem sequer se pôde descobrir o lugar da terra em que se encontra a sepultura de tão malvada besta.¹⁴

[II.8] Daí vem que alguns loucos creiam que foi transferido a algum lugar e conservado vivo, de acordo com as palavras da Sibila: "um matricida fugitivo virá dos confins da terra".¹⁵ Deste modo, por haver sido o primeiro perseguidor, seria também o último e o predecessor do advento do Anticristo.

[II.9] É nefasto acreditar nisto. Do mesmo modo que alguns dos nossos declaram que dois profetas foram transportados vivos até os últimos tempos que precederam ao império santo e eterno de Cristo, a começar a queda deste [o Anticristo]; assim também pensam que virá Nero para ser o precursor que abrirá caminho ao diabo, quando este vier a devastar a terra e subverter o gênero humano.

[III.1] Depois de Nero, passados alguns anos, surgiu outro tirano não menor que ele, Domiciano.¹⁶ Este, apesar de exercer a dominação de um modo odioso, esteve pesando sobre as cabeças de seus súditos durante muitíssimo tempo e reinou sem ser incomodado até que se atreveu a levantar suas mãos ímpias contra o Senhor.

[III.2] Mas, no momento em que foi incitado por impulso dos demônios a perseguir o povo justo, viu-se entregue às mãos de seus inimigos e assim pagou suas punições. Ser morto em sua própria casa não foi vingança suficiente; foi apagada, inclusive, a memória de seu nome.

[III.3] Com efeito, depois de ter construído magníficos edifícios, levantado o Capitólio e outros notáveis monumentos, o Senado perseguiu seu nome a tal

¹³ Lactânncio utiliza com muita frequência o termo *iustitia* com o sentido de religião cristã. Para a chegada e estadia de Pedro em Roma, Lactânncio se baseia em Tertuliano (*Tert. Adu. Mart.* IV 5; *Tert. De praescr. Haeret.* 24).

¹⁴ Lactânncio utiliza frequentemente a expressão "malvada besta" (*malae bestiae*) para se referir aos imperadores que perseguiram os cristãos (*c.f. Lactant. De mort. persec.* 9,2; 16,1; 25,1; 32,4; 52,2).

¹⁵ *Orac. Sib.* V 488.

¹⁶ Domiciano reinou entre os anos 81 e 96. A associação de Domiciano e Nero como imperadores maus foi um lugar-comum dos escritores pagãos do qual também se valeram autores cristãos (*Tert. Apol.* 5,4; *Euseb. Hist. Eccl.* III 17).

ponto, que não deixou vestígio algum de suas estátuas e de suas inscrições. Inclusive, depois de morto, estigmatizou-o com severíssimos decretos para que servissem de eterna ignomínia.

[III.4] Depois de serem rescindidos os atos deste tirano,¹⁷ a Igreja não só foi reconstituída em sua primitiva condição, mas também se encontrou numa situação de muito maior esplendor e florescimento do que antes. Na época seguinte, quando muitos e bons príncipes mantiveram o timão e o rumo do Império Romano, ela não sofreu nenhum ataque dos inimigos e estendeu suas mãos para o Oriente e para o Ocidente.

[III.5] A tal ponto que não houve qualquer rincão da terra, por mais remoto que fosse, onde não penetrasse a religião de Deus e nenhum povo de costumes tão bárbaros que, após a adoção do culto de Deus, não se humanizasse pela ação da justiça. Mas, depois, esta longa paz se viu rompida.

[IV.1] Surgiu, com efeito, após muitos anos, o execrável animal Décio¹⁸ para humilhar a Igreja; pois quem, senão um mau, pode ser perseguidor da justiça?¹⁹

[IV.2] Como se fosse elevado ao auge do poder com esta finalidade, começou rapidamente a voltar sua cólera contra Deus, para que rápida fosse sua queda.

[IV.3] Havendo marchado em expedição contra os Carpos, os quais haviam ocupado a Dácia e a Mésia, cercado repentinamente pelos bárbaros, foi destruído com grande parte do exército.²⁰ Nem sequer pôde ser honrado com uma sepultura,²¹ mas despojado e despido, como era esperado para um inimigo de Deus, foi pasto das aves de rapina no solo.

[V.1] Não muito depois, também Valeriano, arrebatado por uma cólera semelhante, levantou suas mãos ímpias contra Deus e, mesmo em curto espaço de tempo, derramou muito sangue dos justos.²² Mas Deus infligiu-lhe um tipo de punição nova e singular, para que servisse aos pósteros como exemplo de que os inimigos de Deus recebem sempre um pagamento adequado por seu crime.

[V.2] Capturado pelos persas, perdeu não só o poder, do qual se serviu com insolência, como também a liberdade, da qual privara os demais, e viveu o resto de sua vida numa humilhante escravidão.²³

¹⁷ A revogação de seus atos foi obra de Nerva (*Cass. Dio. LXVIII 1*).

¹⁸ Décio governou entre 249 e 251.

¹⁹ Lactâncio apresenta um retrato oposto de Décio em relação àquele das outras fontes, sobretudo documentos escritos por pagãos representam este imperador como dotado de grandes virtudes (*cf. SHA Aurel. 42,6; Epit. De Caes. 29,2; Zos. I, 21*).

²⁰ Na verdade, não eram carpos, mas godos conduzidos pelo rei Kniva (*Aur. Vict. Caes. 29,5; Epit. De Caes. 29, 3-5; Eutr. 9,4; Zonar. XII 20*).

²¹ *Epit. De Caes. 29, 5*.

²² Valeriano governou entre 253 e 259. A perseguição foi breve, mas forte, causando o martírio de vários cristãos, como Lourenço de Roma, Frutuoso de Tarragona e Cipriano de Cartago.

²³ Em relação a estes acontecimentos, ver: *Constantinus. Oratio. 24,2*.

[V.3] De fato, Sapor, o rei dos persas, que o prendera, quando desejava subir em um veículo ou montar um cavalo, mandava ao romano que se prostrasse e lhe oferecesse suas costas, pondo-lhe o pé sobre ela, dizia, entre risos, em plena zombaria, que a verdadeira realidade era esta, não aquela que os romanos pintavam em tábuas e murais.

[V.4] Deste modo, depois de haver contribuído para realçar magnificamente o desfile triunfal daquele, viveu ainda o suficiente para que, durante um largo tempo, o nome romano fosse motivo de gozação e zombaria entre os bárbaros.

[V.5] Outro fato contribuiu para agravar sua punição: não obstante, tivesse um filho imperador, não teve um vingador de seu cativo e de sua extrema servidão, nem ninguém o reclamou em absoluto.²⁴

[V.6] Acabada sua humilhante vida no meio de uma ignomínia como esta, foi esfolado e, depois de separarem as vísceras da pele, tingiram esta com uma cor vermelha e a colocaram num templo dos deuses bárbaros, para que servisse de comemoração de tão digníssimo triunfo, e a contemplação dos despojos deste imperador cativo no templo de seus deuses bárbaros servisse a nossos legados de advertência perene para que os romanos não confiassem demasiadamente em suas forças.

[V.7] Portanto, não é surpreendente que, depois de Deus ter se vingado dos sacrílegos com tais castigos, alguém ainda se tenha atrevido não só a trabalhar, mas até mesmo a pensar alguma coisa contra a majestade do Deus único, que rege e controla todas as coisas?

[VI.1] Aureliano, que era de natureza indisposta e violenta,²⁵ embora estivesse de acordo com a escravidão de Valeriano, esqueceu, no entanto, qual havia sido o seu crime e sua pena e provocou a ira de Deus com suas ações criminosas. Mas nem sequer lhe foi dado terminar suas maquinações, pois morreu subitamente quando começava a pôr em prática a sua loucura.

[VI.2] Ainda não haviam chegado às províncias mais distantes os seus decretos sanguinários,²⁶ quando ele próprio jazia coberto de sangue em Cenofrúrio, localidade da Trácia, vítima de seus amigos, movidos por falsas suspeitas.²⁷

²⁴ Lactânncio se refere a Galieno (260-268).

²⁵ Aureliano governou entre 270-275. As fontes coincidem em lhe atribuir um caráter violento: *Constantinus. Oratio.* 24,3; *Aur. Vict. Caes.* 35,9; *SHA Aurel.* 6, 1-2; 31, 5-9; 37, 1-4.

²⁶ Os documentos escritos são discordantes em atribuir a Aureliano a perseguição. Por um lado, Paulo Orósio (*Oros.* VII 23,3; 27,12), Agostinho de Hipona. (*August. De civ. D.* VIII, 4,2); Zonaras (*Zon.* XII, 27) atribuem a ele uma perseguição; já Sulpício Severo (*Chron.* 2, 32) lhe atribui uma perseguição rápida, e Eusébio de Cesaréia (*Euseb. Hist. eccle.* VII 30, 21) narra que ele morreu antes de iniciar a perseguição.

²⁷ Cf. *SHA Aurel.* 36; *Zos.* I, 62; *Aur. Vict, Caes.* 35,8; *Epit.* 35, 8; *Eutr.* 9, 15, 2.

[VI.3] Era conveniente refrear os tiranos posteriores com exemplos impressionantes e numerosos. Mas estes não só não se atemorizaram, como atuaram contra Deus com maior audácia e insolência.

[VII.1] Diocleciano, que foi um inventor de crimes e um maquinador de maldades, ao tempo em que arruinava todas as coisas, tampouco pôde abster-se de levantar suas mãos contra Deus.²⁸

[VII.2] Com sua avareza e sua timidez, subverteu o globo terrestre. Com efeito, fez a outros três imperadores partícipes de seu poder, dividindo a terra em quatro partes, multiplicou o exército, pois cada qual disputava por dispor de um exército maior do que cada um dos imperadores anteriores havia tido, quando um só estava à frente de toda a República.

[VII.3] Chegou-se ao extremo de ser maior o número dos que viviam dos impostos que o dos contribuintes, até quando as terras foram abandonadas e os campos cultivados foram transformados em selva por serem consumidos os recursos dos colonos pela enormidade dos impostos.

[VII.4] Enfim, para que o terror chegasse a todas as partes, as províncias foram subdivididas até o infinito. Numerosos governadores e oficiais oprimiam cada uma das regiões. Igualmente, eram numerosos os funcionários do fisco, magistrados e vigários dos prefeitos, cuja atividade na ordem civil era escassa, mas frequente à hora de ditar multas e proscricções. As exações de todo tipo eram já não direi frequentes, mas constantes, os atropelos para levá-las a cabo, insuportáveis.

[VII.5] Também intolerável era o referente aos estipêndios dos soldados. Levado por sua insaciável avareza, não queria que jamais diminuísse o tesouro, mas exigia constantemente impostos e doações extraordinárias para manter íntegras e intactas as reservas.

[VII.6] Deste modo, tendo provocado uma enorme carestia com diversas maldades, tentou fixar por lei os preços dos produtos do mercado.

[VII.7] Consequentemente, derramou-se muito sangue por causa de produtos desprezáveis e de escasso valor, o medo fez desaparecer os produtos do mercado e a carestia aumentou muito mais, pelo que a lei, pela força dos próprios fatos, terminou por cair em desuso, mas não sem haver provocado previamente a perda de muitos.

[VII.8] A isto se acrescenta sua infinita paixão pelas construções, pelo que não foi a menor a exploração das províncias mediante a requisição de operários, artesãos e meios de transporte de todo tipo; de tudo, enfim, que é necessário para as edificações.

²⁸ Diocleciano governou entre 284 e 305, quando abdicou, juntamente com seu coimperador Maximiano à dignidade de imperador. Lactânio reprova várias das atitudes de Diocleciano, entretanto outras documentações antigas atribuem grande valor às ações deste imperador (cf. *Eutr.* IX 16, 1; X 1, 3; *Aur. Vict., Caes.* 39,1; *SHA Carus.* 13,1).

[VII.9] Aqui surgiam basílicas, ali, circos, neste lugar, uma oficina de moedas, noutra, de armas, aqui, um palácio para a esposa, ali, outro para a filha. Rapidamente uma grande parte da cidade fora destruída. Todos se viam obrigados a emigrar com mulheres e filhos, como se a cidade houvesse sido tomada pelo inimigo.

[VII.10] Quando as novas edificações já estavam concluídas à custa da ruína das províncias, "isto - dizia - não foi construído corretamente; que se faça de outro modo". Era necessário destruí-lo por completo e transformá-lo, às vezes para ser destruído novamente. Pois a sua demência o levava a desejar igualar Nicomédia à cidade de Roma.

[VII.11] Passo por alto o fato de que muitos teriam perecido pela culpa única de possuírem terras ou riquezas. Isto se converteu em algo habitual e, portanto, quase legal, pelo costume imposto pelos malvados.

[VII.12] Mas houve algo em que se distinguiu: onde quer que fosse visto um campo melhor cultivado ou um edifício mais belo que o habitual, já estava pronta uma acusação falsa e a pena de morte para o seu dono, como se não pudesse apoderar-se do que não lhe pertencia sem derramar sangue.

[VIII.1] O que dizer de seu irmão Maximiano, chamado Hercúleo? Não era diferente dele; de fato, nem poderiam ter-se mantido unidos numa amizade tão fiel, se não tivessem ambos a mesma mentalidade, a mesma maneira de pensar, uma vontade e ideias semelhantes.²⁹

[VIII.2] Somente se diferenciavam no fato de que o primeiro possuía uma maior avareza, mas também, uma maior timidez, enquanto o segundo tinha menor avareza, mas estava dotado de maior audácia, não para fazer o bem, mas sim, o mal.³⁰

[VIII.3] De fato, apesar de ter a própria sede do Império, na Itália, de dependerem dele províncias muito ricas como África e Hispania, não se distinguiu, precisamente, na conservação das riquezas, que lhe afluíam diligentemente.

[VIII.4] Além do mais, quando a necessidade se apresentava, não lhe faltavam riquíssimos senadores a que testemunhas subornadas acusassem de aspirar ao Império. Em consequência disso, eram apagadas continuamente as luzes do Senado. Ensanguentado, o fisco transbordava de riquezas mal adquiridas.

²⁹ A amizade entre ambos os Augustos é ressaltada por Aurélio Victor. (*Aur. Vict. Caes.* 39, 17). Sobre a amizade e a concórdia, estas foram amplamente exaltadas pelos *Panegíricos Latinos* sendo a *Fides et Pietas* de Maximiano em relação a Diocleciano um fundamento das relações pessoais e institucionais entre ambos no sistema tetrárquico (cf. SILVA, 2013).

³⁰ Sobre Maximiano, as fontes concordam em lhe atribuir audácia, temeridade e brutalidade (*Pan. Lat.* II 2, 4-6; 4,1; *Aur. Vict. Caes.* 39, 17, 26, 28 e 46; *Epit.* 40, 10; *Eutr.* IX 27,1; X 3,2; *SHA Prob.* 22,3).

[VIII.5] A libido deste homem pestífero o impulsionava a corromper não apenas os jovens rapazes, coisa detestável e odiosa por si só, como a violar as filhas dos primeiros.³¹ Com efeito, em qualquer lugar em que chegasse de viagem, prontamente virgens eram arrancadas dos braços de seus pais.

[VIII.6] Com tais coisas, julgava-se em deleite, pensava que disto dependia a prosperidade de seu Império: nada negar à sua libido e cupidez degeneradas.

[VIII.7] Passo por alto por Constâncio, posto que foi diferente dos demais e digno de estar sozinho à frente de todo o Império.³²

[IX.1] Mas o outro Maximiano, a quem Diocleciano havia unido consigo como genro,³³ foi pior que esses dois a que conheceu nosso tempo e ainda pior que todos os malvados que antes existiram.

[IX.2] Esta besta estava dotada de uma barbárie inata e de uma ferocidade estranha ao sangue romano. O que não é de estranhar, pois sua mãe, de origem transdanubiana, havia fugido para a Nova Dácia, cruzando o rio, por causa das invasões dos carpos na Dácia.

[IX.3] Seu corpo correspondia a seus costumes: de alta estatura e carnes abundantes, que faziam dele uma horrenda massa inchada e transbordante.³⁴

[IX.4] Definitivamente, tanto por sua voz quanto por suas ações e por seu aspecto físico, causava terror e pavor a todos. Inclusive seu sogro o temia muitíssimo. A causa foi a seguinte:

[IX.5] Narses, o rei dos persas, incitado pelo exemplo de seu avô Sapor, dispunha-se a ocupar o Oriente com um grande exército.

[IX.6] Então, Diocleciano, devido a seu caráter temeroso e pusilânime em qualquer situação tensa, estava receoso, ao mesmo tempo, pela experiência de Valeriano, não se atreveu a enfrentá-lo, enviando-o [Galério] àquele, através da Armênia, enquanto permanecia no Oriente na expectativa dos acontecimentos.

[IX.7] Ele [Galério], servindo-se de estratégias, dado que os bárbaros têm o hábito de irem à guerra com todas as suas coisas, venceu-os sem dificuldade, por estarem prejudicados por suas bagagens e por seu excessivo número. Após forçar a fuga do rei Narses, retornou com a presa de guerra, com enormes despojos enchendo-o de orgulho e a Diocleciano de temor.

³¹ *Primorum filias* designa as filhas dos membros da elite imperial.

³² Constâncio foi César de 293 a 305, e Augusto entre 305 e 306, tendo sido o pai de Constantino, imperador entre 306 e 337.

³³ Caio Galério Valério Maximiano foi César entre 293 e 305 e Augusto de 305 a 311, mas Lactânio, diferente das demais fontes antigas nunca o nomeia como Galério. Diocleciano casou sua filha Valéria, no início da década de 290 com seu Prefeito do Pretório, Maximiano Galério.

³⁴ Cf. *Euseb. Hist. eccl.* VIII 16,4; *Euseb. Vit. Const.* I 57,2; *Anon. Vales.* 9.

[IX.8] Assim, pois, depois desta vitória, sentiu-se tão elevado, que já detratava o título de César. Quando o escutava nas cartas que lhe eram dirigidas, costumava exclamar com voz terrível e expressão atroz: “Até quando César?”.³⁵

[IX.9] Por isto, começou a se comportar com grande insolência, chegando a desejar passar a ser intitulado filho de Marte, como um segundo Rômulo; e chegou até ao extremo de infamar com um estupro o nome de sua mãe Rômula para se fazer passar por descendente dos deuses.

[IX.10] Mas deixo de falar de suas ações de governo, para não alterar a ordem de exposição dos acontecimentos. Foi depois de receber o título de imperador, quando já estava livre de seu sogro, que começou a cometer suas loucuras e a desprezá-lo inteiramente.

[IX.11] Diocles – pois assim se chamava antes de sua ascensão ao império –,³⁶ apesar de levar a República à ruína com alguns programas e conselheiros, e apesar de não haver castigo que seus crimes não merecessem, reinou em meio a uma grande felicidade, enquanto não profanou suas mãos com o sangue dos justos.³⁷

[IX.12] Exporei agora as causas que o levaram a desencadear a perseguição.

[X.1] Encontrava-se, naquele tempo, na parte Oriental e, como era medroso, gostava de perscrutar o futuro, entregando-se a imolar animais para descobri-lo em suas vísceras.

[X.2] Por isto, alguns dos ministros do culto que criam no Senhor persignaram-se na testa com o sinal imortal, enquanto assistiam à imolação. Feito isto, os demônios se puseram em fuga e os sacrifícios ficaram perturbados. Os arúspices começaram a titubear, pois não viam nas vísceras os sinais de costume, repetindo diversas vezes os sacrifícios, como se estes houvessem sido inúteis.

[X.3] Mas as vítimas sacrificadas, uma após outra, não davam resultado algum. Então, Tages, o mestre dos arúspices, por havê-lo suspeitado acertadamente, declarou que a causa de os sacrifícios não darem resultados era que homens profanos participavam das cerimônias divinas.

[X.4] Então, furioso, [Diocleciano] ordenou que não só os ministros do culto sacrificassem, mas também todos os que se encontravam em palácio, e, caso alguém se negasse, que fosse obrigado a isso à força de açoites. Deu ordens escritas também aos chefes das unidades militares para que também os soldados fossem obrigados a realizar os sacrifícios nefandos, sob a pena de serem expulsos dos exércitos aqueles que não obedecessem.

³⁵ “*Quo usque Caesar?*”, expressão paralela à proferida por Cícero (Catilinárias. I, 1), e utilizada neste ponto como recurso retórico por Lactânncio.

³⁶ Cf. *Epit.* 39,1.

³⁷ Cf. *Euseb. Hist. eccl.* VIII 13, 9-10.

[X.5] Até aqui chegaram sua cólera e sua loucura sem que tomasse nenhuma outra medida contra a lei e a religião divina.

[X.6] Em seguida, passado algum tempo, veio à Bitínia para invernar. Aqui chegou também o César Maximiano [Galério], inflamado de idêntico furor criminoso, com a intenção de inflamar esse débil ancião a prosseguir na perseguição aos cristãos, que já havia iniciado. Quanto aos motivos deste furor, isto é o que se pôde conhecer.

[XI.1] Sua mãe cultuava os deuses das montanhas e por ser uma mulher bastante supersticiosa, oferecia banquetes sacrificiais quase diariamente, proporcionando assim alimento a seus compatriotas. Os cristãos se abstinham de participar e, enquanto ela banqueteara com os gentios, eles se entregavam ao jejum e à oração.

[XI.2] Por isto, concebeu ódio contra eles, com lamentações mulhescas, incitava seu filho, que não era menos supersticioso, a eliminar esses homens.

[XI.3] Assim pois, durante todo o inverno, ambos os imperadores tiveram reuniões nas quais ninguém era admitido e nas quais todos acreditavam que se tratava de assuntos do maior interesse da República. O ancião se opôs a seu martírio, tratando de fazê-lo ver o quanto seria pernicioso perturbar o globo terrestre mediante o derramamento do sangue de muitas pessoas. Insistia que os cristãos costumam morrer com gosto, que era suficiente proibir aos funcionários do palácio e aos soldados a prática dessa religião.

[XI.4] Mas não logrou reprimir a loucura deste homem. Por isto, pareceu-lhe oportuno experimentar a opinião de seus amigos.

[XI.5] Assim era, com efeito, sua malícia: quando tomava alguma medida benéfica, fazia sem se aconselhar previamente, para que somente ele fosse elogiado; pelo contrário como sabia que seria reprovado, quando a medida era prejudicial, convocava muitos ao conselho para que se culpassem uns aos outros pelo que só ele era responsável.

[XI.6] Alguns funcionários e militares foram convocados, sendo interrogados na ordem hierárquica. Alguns, levados por seu ódio pessoal contra os cristãos, opinaram que estes deviam ser eliminados enquanto inimigos dos deuses e dos cultos públicos; os que pensavam de outro modo concordaram com esse parecer após constatarem os anseios desta pessoa, ou por medo ou por desejarem alcançar uma recompensa.

[XI.7] Mas nem assim se dobrou o imperador para dar sua aprovação, preferindo consultar os deuses, enviando um arúspice a Apolo Milésio para tal fim. Este respondeu como inimigo da religião divina.

[XI.8] Assim, pois, mudou de ideia, visto que já não podia opor-se a seus amigos, nem ao César, nem a Apolo, esforçou-se, pelo menos, para que observassem a limitação de se fazer tudo sem derramamento de sangue, porque

o César desejava que fossem queimados vivos os que se negassem a oferecer sacrifícios.

[XII.1] Busca-se o dia favorável e propício, elegendo-se a festa das Terminais, que se celebra no dia 23 de fevereiro, como se com isso quisessem terminar com a nossa religião.³⁸ Aquele dia foi a causa da primeira morte, primeira causa dos males³⁹ que se abateram sobre a terra.

[XII.2] Ao amanhecer desse dia – os dois anciãos exerciam o consulado,⁴⁰ naquele tempo, um pela oitava e o outro pela sétima vez –, quando a luz, embora tênue, apresentou-se rapidamente à Igreja, o prefeito acompanhado dos chefes, tribunos militares e dos funcionários do fisco arrancam as portas e buscam a imagem de Deus; descobrem e queimam as Escrituras; a todos é permitido fazer despojos; há pilhagens, agitação, correrias.

[XII.3] Apesar de tudo, os dois imperadores de um lugar estratégico – pois estava a igreja em um lugar elevado e visível do palácio – discutiam longamente entre si, se não seria preferível incendiar a igreja.

[XII.4] Impôs-se o parecer de Diocleciano, temeroso de que ao provocar um grande incêndio, ardesse também alguma parte da cidade, pois a igreja estava rodeada por todos os lados de grandes e numerosos edifícios.

[XII.5] Assim, pois, apresentaram-se os pretorianos formados em esquadrão, providos de tochas e outras ferramentas, acometendo-o por todos os lados, em poucas horas arrasaram até ao nível do solo aquele imponente templo.

[XIII.1] No dia seguinte, publicou-se um edito no qual se estipulava que as pessoas que professassem aquela religião fossem privadas de toda honra e dignidade, que fossem submetidas a tormento, qualquer que fosse sua condição e categoria; que fosse lícita qualquer ação judicial contra eles, enquanto eles não poderiam querelar nem por injúrias, nem por adultério, nem roubo; numa palavra, eram privados da liberdade e da palavra.⁴¹

[XIII.2] Certa pessoa, dando mostras de grande valentia, ainda que de pouca prudência, arrancou esse edito e o rasgou,⁴² enquanto dizia entre burlas que se tratava de vitórias sobre godos e sármatas.

[XIII.3] Prontamente foi detida e não só torturada, mas cozida lentamente, como mandam os cânones, o que suportou com admirável paciência e, por fim, foi queimada.

³⁸ As *Terminais* são as festas dos *termini* e do deus *Terminus*, celebrada em 23 de fevereiro (cf. *Ov. Fast.* II 639), esta festa coincidia com o fim do antigo ano civil romano (Cf. *Ov. Fast.* II 49; *August. De civ. D.* VII 7).

³⁹ *Verg. Aen.* IV 169-170.

⁴⁰ Diocleciano e Maximiano Hercúleo.

⁴¹ Cf. *Euseb. Hist. eccl.* VIII 2,4.

⁴² Cf. *Euseb. Hist. eccl.* VIII 5.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Luís Fernando Pessoa. Aspectos da moralidade cristã presente na obra *De mortibus persecutorum*, de Lactâncio. **Anais da XIV Jornada de Estudos Antigos e Medievais**. Maringá, PR, 2015. Disponível em <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2015/pdf/025.pdf>>. Acesso em 30 mar. 2021.

AURELIO VICTOR. *Aurelius Victor: de Caesaribus*. Tradução: H. W. Bird. Liverpool: Liverpool Press, 1994.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BRANDT, Samuel. LAUBMANN, Georg. *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*. Vol. 27. Fascículo II. Viena, 1897. Disponível em: <<https://archive.org/details/corpuscriptoru01wiengoog/page/n299/mode/lup?view=theater>>. Acesso em: 30 mar. 2021. (CSEL 27.2)

CASSIUS DIO. **Roman History**. Tradução: Earnest Cary. Cambridge: Harvard University Press, 1914-27.

188

CARRARA, Daniel Peluci; NATIVIDADE, Everton da Silva. Da Ave Fênix, Lactâncio (?). **Calíope**, v. 15, Rio de Janeiro, 2006, p. 133-143.

CHESTERMAN, Andrew. **Memes of translation**. Amsterdam: Johns Benjamins, 1997.

CÍCERO. *In Catilinam I*. In: BARBOSA, Lydia Marina Fonseca Dias. **As Catilinárias de Cícero: tradução e estudo retórico**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2019.

CONSTANTINE. The Oration to the Saints. In: EDWARDS, Mark. **Constantine and Christendom: The Oration to the Saints; The Greek and Latin Accounts of the Discovery of the Cross; The Edict of Constantine to Pope Silvester**. Tradução: Mark Edwards. Liverpool: Liverpool University Press, 2003.

Epitome De Caesaribus. 3ª Ed. Tradução: Thomas M. Banchich. Buffalo, NY: Canisius College, 2018. Disponível em <<http://www.roman-emperors.org/epitome.htm>>. Acesso em: 10 mai. 2020.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. Tradução: Monjas Beneditinas do Mosteiro Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000.

EUSEBIO DE CESAREA. **Vida de Constantino**. Tradução: Martín Gurruchaga. Madrid: Gredos, 1994.

EUTROPIUS. *Eutropius: Breuiarium*. Tradução: H. W. Bird. Liverpool: Liverpool University Press, 1993.

Excerpta Valesiana; Pars Prior: Origo Constantini Imperatoris. Tradução: John C. Rolfe. Cambridge: Harvard University Press, 1939.

GOBATO, Douglas Raphael Machado. VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. *De mortibus persecutorum* de Lactânncio e a perseguição de Diocleciano aos cristãos no século IV. **Anais do VI Congresso Internacional de História**. Maringá, PR, 2013a. Disponível em <http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/126_trabalho.pdf>. Acesso em 30 mar. 2021.

GOBATO, Douglas Raphael Machado. VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. *De mortibus persecutorum: uma abordagem política do pensamento de Lactânncio*. **Anais da XII Jornada de Estudos Antigos e Medievais / IV Jornada Internacional de Estudos Antigos e Medievais**. Maringá, PR, 2013b. Disponível em <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2013/pdf/21.pdf>>. Acesso em 30 mar. 2021.

Historia Augusta, Volume III: The Two Valerians. The Two Gallieni. The Thirty Pretenders. The Deified Claudius. The Deified Aurelian. Tacitus. Probus. Firmus, Saturninus, Proculus and Bonosus. Carus, Carinus and Numerian. Tradução: David Magie. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1932. (Loeb Classical Library 263).

In Praise of Later Roman Emperors: The Panegyrici Latini. Tradução: C.E.V. Nixon e Bárbara Saylor Rodgers. Berkeley: University of California Press, 1994.

JEROME. **Lives of Illustrious Men**. In. : SCHAFF, P. **A select library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church**. Tome II-3. Tradução: Ernest Cushing Richardson. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal, s/d, p. 821-964. Disponível em: <<https://www.ccel.org/ccel/s/schaff/npnf203/cache/npnf203.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

LACTANCE. **De la mort des persécuteurs**. Tradução: Jacques Moreau. Paris: Les Éditions du Cerf, 1954.

LACTANCE. **La Colère de Dieu**. Tradução: C. Ingremeau. Paris: Les Éditions du Cerf, 1982.

LACTÂNCIO. Sobre a morte dos perseguidores [séc. IV]. Tradução: José Pereira da Silva. In: BENÍCIO, Paulo José. PEDROSA, Cleide Emília Faye (Orgs.). **Letras e religião**. Rio de Janeiro: Botelho Editora, 2006, p.123-167.

MOREAU, Jacques. Comentaire. In : LACTANCE. **De la mort des persécuteurs**. Tradução: Jacques Moreau. Paris: Les Éditions du Cerf, 1954, p. 187-473.

OVIDE. **Les Fastes**. Tome I. Livres I-III. Tradução: Robert Schilling. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

PAULO ORÓSIO. **História contra os pagãos**. Tradução: Jose Cardoso. Minho: Universidade do Minho, 1986.

190

SANTO AGOSTINHO. **Cidade de Deus**. Parte I. 9ª edição. Tradução: Oscar Paes Leme. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2006.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. Cícero e o propósito da criação do homem: tradução do capítulo XIV da obra *De ira Dei* de Lúcio Cecílio Firmiano Lactâncio. **Rónai. Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, v. 8, n. 2, Juiz de Fora, 2020a, p. 108-115.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. A destruição dos fundamentos da religião por Epicuro: tradução do capítulo VIII da obra *De ira Dei* de Lúcio Cecílio Firmiano Lactâncio. **Revista Escripturas**, v. 4, n. 2, Petrolina, 2020b, p. 291-301.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. Sócrates e a inexistência de sabedoria humana, por Lúcio Cecílio Firmiano Lactâncio: tradução do Capítulo I da obra *De ira Dei*. **Hypnos**, v. 45, São Paulo, 2º sem. 2020c, p. 274-280.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. Os três degraus para o alcance da verdade, por Lúcio Cecílio Firmiano Lactâncio: tradução do Capítulo II da obra *De ira Dei*. **Caletrosópio**, v. 8, Mariana, 2020d, p.46-54.

SILVA, Diogo Pereira da. Lactânncio e o topos da *historia magistra uitae*: uma análise da obra *Sobre a morte dos perseguidores*. **PHOÏNIX**, v. 17, n. 1, Rio de Janeiro, 2011, p. 99-111.

SILVA, Diogo Pereira da. **O transcrito público e as representações do poder imperial na Tetrarquia (284-305): uma contribuição ao diálogo comparativo**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2013.

SILVA, José Pereira da. Lactânncio: *Sobre a Morte dos Perseguidores* (séc. IV). Tradução. **Revista Philologus**, v.1, Rio de Janeiro, 1997, p. 133-176.

SULPICIUS SEVERUS. *Chronica*. In: **The Complete Works**. Tradução: Richard J. Goodric. New Jersey: Newman Press, 2016.

TACITE. **Annales**. Tradução: Pierre Wuilleumier. Paris: Les Belles Lettres, 1976.

TERTULLIAN. *Aduersus Marcionem*. Tradução: Ernest Evans. Oxford: Oxford University Press, 1972. Disponível em: <http://www.tertullian.org/articles/evans_marc/evans_marc_00index.htm>. Acesso em 4 ago. 2020.

TERTULLIAN. An Answer to Jews. In. SCHAFF, P. MENZIES, A. **A select library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church**. Tome I-3. Tradução: Rev. S. Thelwall. Edinburgh: T&T Clark, 1885, pp. 312-360. Disponível em: <<https://www.ccel.org/ccel/s/schaff/anf03/cache/anf03.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

TERTULLIAN. Apologetic. In: SCHAFF, P. MENZIES, A. **A select library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church**. Tome I-3. Tradução: Rev. S. Thelwall. Edinburgh: T&T Clark, 1885, pp. 19-79, Disponível em: <<https://www.ccel.org/ccel/s/schaff/anf03/cache/anf03.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

TERTULLIEN. **Traité de la prescription contre les hérétiques**. Tradução: R. F. Refoulé, Paris: Éditions du Cerf, 1957.

TIGGES JÚNIOR, Paulo Roberto. **História, memória e identidade no século IV d.C.: Lactânncio e a ação da Providência na construção de uma ordem política cristã**. Vitória: Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, 2007.

The Sibylline Oracles. Tradução: Milton S. Terry. New York: Eaton & Mains. 1899. Disponível em: <<https://www.sacred-texts.com/cla/sib/sib.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

VIRGIL. **Aeneid.** Tradução: Elaine Fantham. Oxford: Oxford University Press, 2007.

WILMANNNS, Gustav. *Corpus Inscriptionum Latinarum. VIII: Inscriptiones Africae Latinae.* Berlim, 1881. Disponível em <<http://arachne.uni-koeln.de/item/buchseite/596505>>. Acessado em 14 jan. 2020.

ZONARAS. **The History of Zonaras.** Tradução: Thomas M. Banchich. Eugene N. Lane. London: Routledge, 2012.

ZOSIMO. **Historia Nueva.** Tradução: José M^a Candau Morón. Madrid: Gredos: 1992.

Data de envio: 15/01/2021

Data de aprovação: 08/06/2021

Data de publicação: 15/07/2021